

DEUS E PATRIA

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.^a REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

Director, Editor e Administrador — *Avelino Alves Sampaio*

RED. DO

DEUS E PATRIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—Belinho—ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPRESA — DEUS E PATRIA

Composto e impresso na Typographia Viziense—Rua Silva Gayo, 42 a 46—VIZEU

O EVANGELHO

Domigo da Santissima Trindade

Naquelle tempo disse Jesus a seus discipulos: Foi-me dado todo o poder no ceu e na terra: ide, pois, e ensinae a todas as gentes, baptisando-as em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo, ensinando-as a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e ficae certos de que eu estou convosco todos os dias até á consummação dos seculos.

(S. Matheus, cap. 28.)

REFLEXÕES

O preceito, a obrigação imposta por Christo Nosso Senhor aos Apóstolos e n'elles á Igreja Catholica, de ensinar a doutrina christã a todos os povos, é tão formal e clara no evangelho d'hoje, que a ninguem pôde offerecer duvidas.

E Jesus tinha o poder de fazer uma tal imposição, possuia a necessaria auctoridade para constituir os seus apóstolos e a Igreja n'um tal dever.

Elle mostrára durante a sua vida terrena, pelo seu saber assombroso e pela força maravilhosa do seu verbo ao qual tudo obedecia, que o seu poder era divino. Uma só palavra da sua bocca desconcertava os seus mais argutos contendores e reduzia a nada os seus mais bem architectados sofismas. A' sua voz os corações angustiados recuperavam a paz, os tristes a alegria, os desalentados a esperança; os cegos viam, os doentes, os coxos e os paralíticos ficavam sãos e com movimentos, os mortos tornavam á vida, o espirito do mal fugia espavorido dos corpos dos seus possessos e os proprios elementos obedeciam promptamente como docéis seres intelligentes.

As multidões accorriam sequiosas de consolação a ouvi-lo. A sua doutrina cahia nas almas como uma benção e um balsamo dulcificante. Ao escuta-la, os pobres esqueciam enlevados as suas dores; os ricos abriam os seus cofres e, com as riquezas lá amontoadas e entregues á voracidade da traça, faziam bem aos desafortunados, amontoando assim outro e indestructivel thesouro

no ceu; os peccadores choravam arrependidos os seus erros e reformavam por completo a sua vida, os tyrannos sentiam remorso de seus crimes e concebiam desejos inquietantes de se tornarem bons e humanos e a palavra irmão começou a ouvir-se e a ser entendida entre os homens.

Eram de salvação as doutrinas de Jesus. Destinavam-se á redempção da humanidade que havia tantos seculos se transviára nas verêdes do mal e no meio de trevas espessas não atinava com o caminho do bem, da verdade e da vida.

Era preciso, porisso, faze-las chegar, não só aos povos da Paléstina, contemporâneos de Christo Senhor Nosso, mas a toda a parte e a todas as edades em que houvesse homens a guiar, intelligencias a esclarecer, almas a salvar.

E então o divino Mestre com a auctoridade que lhe dava a excellencia da sua sciencia e a omnipotencia do poder que se estende a tudo o que ha no ceu e na terra, manda aos seus apóstolos e n'elles á sua Igreja, que vão levar a todas as gentes aquellas verdades redemptoras que Elle durante a sua vida lhes havia ensinado e exemplificado e se resumiam em amar a Deus como pae no ceu e aos homens como irmãos na terra.

E os Apóstolos partiram e nem os carcereiros, nem as privações, nem os açoites, nem a morte mais affrontosa os impediram nunca de por toda a parte ensinarem o evangelho aos povos.

Continuadora de tão divina missão, a Igreja de Deus tem cumprido tambem, atravez de todos os obstaculos e perseguições, o seu mandato de doutrinar as gerações de todos os seculos. No pulpito pela voz dos seus préga-dores, na catechése e á estação da missa por intermedio dos parochos e capellães, pela acção dos seus missionarios de todos os continentes, pelo exemplo de seus martyres e confesso-res junto dos logares de supplicio ou no meio dos tribunales: pela palavra fallada e escripta, a Igreja não tem cessado de levar ao seio de todos os povos as verdades do evangelho, no cumprimento do seu ministerio, no cumprimento do dever imposto pelo seu divino fundador. E a exemplo dos Apóstolos e ainda em obediencia

ao preceito de Jesus ella vem ministrando, a par da doutrina que salva, os sacramentos que santificam e fortalecem na virtude e na fé os crentes. Não fôra em vão que Christo ordenara: Ide, ensinae a todas as gentes, baptisando-as em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo.

Ora a esta obrigação da Igreja temos nós, os fieis, o dever de corresponder, mostrando-nos docéis, attentos, submissos e obedientes á palavra de Deus.

Só assim tornaremos proveitosa para as nossas almas essa mesma palavra, só assim nos tornaremos dignos dos fructos da paixão e morte de Jesus e de participar das suas divinas promessas, que são a bemaventurança eterna aos que ouvem e põem em pratica a sua doutrina.

M.

AGIOLOGIO

Santa Maria Magdalena de Pazzis

Celebra a Igreja, no proximo dia 29, a festividade de Santa Maria Magdalena de Pazzis.

Natural de Florença e oriunda d'uma familia nobre, começou desde tenra edade a cuidar da sua perfeição espirital. Aos 10 annos fez voto de perpetua virgindade, entrando no mosteiro de Santa Maria dos Anjos da ordem carmelitana, mostrou-se o exemplar de todas as virtudes.

Foi eximia na pratica do jejum, passando muitos annos sómente a pão e a agua. Alem d'isso, mortificava a sua carne com macerações, cilícios e asperezas de toda a ordem.

Sentia-se tão arreobada no amor de Deus, que frequentemente esquecendo as coisas que a cercavam, cahia em extasis, durante os quaes experimentava as maiores consolações e entrava no conhecimento de profundos mysterios.

No entanto Deus experimentou por diversas vezes a sua paciencia e humildade, enviando-lhe a aridez espirital e permitindo que fosse visitada por terriveis tentações, de que sempre sahiu victoriosa. O seu

amor para com o proximo foi notavel, principalmente para com os pobres e enfermos.

Offerecia-se a Deus, disposta a soffrer todos os males, em holocausto pela conversão dos infieis e peccadores, e nos seus transe de maior amargura pedia a Deus, não que a matasse, mas que a fizesse soffrer cada vez mais.

Falleceu no dia 25 de Maio com 41 annos d'idade, em 1607, após uma longa e dolorosissima enfermidade. Seu corpo conserva-se ainda hoje inteiro e são innumerados os milagres que tem operado.

Ultimos momentos de Colbert

Colbert foi um grande da côrte magnifica de Luiz XIV, rei de França. Exerceu os mais altos cargos do Estado, encheu a França de beneficios e o seu nome de gloria, absorvendo toda a sua vida no serviço do rei e dos negocios publicos.

No entanto, quando morreu, a sua impopularidade era tal que os seus funeraes tiveram de realisarse de noite. Os seus contemporaneos pretendiam que os beneficios que elle fizera á Patria—e não foram pequenos—só redundavam em seu prejuizo! O mundo costuma pagar assim aos que o servem: com ingratições.

Não obstante, nunca esse notavel estadista perdera a estima pessoal de Luiz XIV; e assim, quando Colbert estava no seu leito de morte, foi visita-lo o monarcha. Debatia-se n'uma agonia dolorosissima. O rei, commovido, quiz consola-lo e disse-lhe: Meu grande amigo, que posso eu fazer-te n'este momento, que te seja agradavel?

—Sir! diz a custo Colbert, fitando com olhar angustiado o monarcha. Sim! uma coisa vos tenho a pedir n'esta hora suprema. E' o primeiro favor que vos peço, ó rei! Não m'o recusareis em attenção ao muito que vos servi.

—Falla! torna o rei ansioso.

—Peço que me concedaes mais um dia de vida! Um só dia, ó rei!

—Oh! exclama o monarcha mal contendo o pranto n'um tom amargo. O que me pedes não está na minha mão! E' só possivel ao Rei dos ceus e da terra! E ia retirar-se já, quando Colbert soerguendo-se a custo no leito, brada com desespero:

—Insensato que tenha sido! Gastei toda a minha vida a servir ao meu rei que em paga de tantos annos de dedicação me não pode dar agora um só dia mais de vida! Ah! se eu, em vez de o servir a elle, servisse ao Senhor do Ceu e da terra, como seriam bem differentes e consoladores para mim agora estes angustiosos momentos que se acabam!

Muitos assim se têm lamentado na sua hora extrema. Regulemos, á vista d'este e muitos outros exemplos que poderíamos apresentar, a conducta da nossa vida, de maneira que á hora da nossa morte não ex-

perimentemos tão medonhos terrores.

Vivamos no temor de Deus e da nossa consciencia, e a nossa morte será tão suave como o suavissimo somno de quem adormece no seio do Senhor.

L.

Epistola da missa d'hoje

O' profundidade das riquezas, da sabedoria e da sciencia de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juizos e quão inescrutaveis os seus caminhos! Porque, quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem lhe deu alguma coisa primeiro, para depois receber a recompensa? Porque d'Elle, e por Elle e n'Elle existem todas as coisas, a Elle seja dada gloria por todos os seculos dos seculos Amen.

(S. Paulo «Aos Romanos» cap. I)

Conversando

—Alda! então? Que estás para ahí demorada a pensar na leitura da epistola da missa! Vamos; passa adeante.

—E' que, avósinha, desta vez, não compreendendo bem isto e desejava entender as palavras de S. Paulo que na verdade me são bem.

—A lição do Apostolo, filha, é clara e tem por fim mostrar-nos com a eloquencia que lhe é particular, que nós, tudo o que somos e temos a Deus só o devemos; que a vida de que fruimos o ar que respiramos, a luz que nos alumia, os fructos tão saborosos que nos sustentam, de Deus nos vêm, e Elle que nos dá por um acto da sua infinita misericordia e bondade, isto é, sem que nós primeiro os tenhamos merecido por qualquer favor que a Deus tivéssemos feito.

—Comprehendo agora, avósinha, e acho bonito. Deus então usa para conosco como a mamã e o papá para commigo e os marcos... Pois não é verdade? Nós tambem nada lhes damos por tudo quanto elles nos fazem, por nos trazerem no collegio, nos vestirem, alimentarem.

—Exactamente.

—E eu nunca tinha pensado n'isto! Deus dá-nos tudo, sem nada receber de nós!

—Sim, filha.

—Como Elle é bom! Parece-me, então avósinha, que quem nada tem, não pôde queixar-se de Deus...

—Pois não; mas não ha pobre tão pebrezinho, Alda, que não esteja devendo sempre muito a Deus.

—Bem sei; a vida, o ar, a luz, o pão... mas a nossa visinha volta e meia está-se a revoltar contra Deus por as coisas lhe não correrem como ella deseja.

—Faz n'isso um grande peccado, Aldinha, em se impacientar até esse ponto. Pois o pouco ou muito que tem, não foi Deus quem lh'o deu?

—Sim, avósinha.

—E ella em vez de se mostrar reconhecida ao beneficio e conformada com o soffrimento, entrega-se a esses desesperos que tu teus observados, pouco lhe faltando para insultar a Providencia.

—Ai avósinha! como ella é má!...

—Não quero que tornes a ouvir as suas queixas impias!

—Não torno, avósinha. Mas diga-me: sendo Deus tão bom e senhor de tudo, porque, não dá tudo a todos, nos não faz a todos ricos e felizes, avósinha? Elle não tem pena dos que soffem?

—Muita, minha filha. E ainda um dia te hei de mostrar a razão porque não somos todos ricos e felizes no mundo. Agora só te direi que o soffrimento e a dor são ainda um acto da infinita bondade de Deus para conosco. Os

juizos de Deus, como diz S. Paulo, são incompreensíveis muitas vezes e assim nós tem por um mal aquillo que aos olhos de Deus é um grande bem.

—Não intendo...

—Olha lá, Aldinha: ali o visinho *brasileiro* não é muito rico?

—E' sim.

—Falta-lhe alguma coisa?

—Não parece.

—E diz-me: tem-lo visto na egreja?

—A elle?... Nunc, avósinha! Nem a le nem á familia d'elle. Olha quem? As filhas são as primeiras a chamarem carola a quem vae.

—Cala-te, filha.

—E de Deus dizem coisas...

—Não quero que tornes a acompanhar com ellas. Mas vê? O gozo pleno do mundo fá-los desprezar a Deus e ás coisas espirituaes. Não querem nem missa, nem sacramentos!...

—E' verdade...

—Vivem como se Deus não existisse, mo se d'elle não precisassem, e escarnecem de quem crê n'Elle e o invoca. Já os que choram, os que soffem...

—Lembram-se e querem Deus e rezam no nosso caseiro reza sempre o terço á noite com a mulher e os filhos, que bem o tenho visto.

—A dôr mostra-nos o nosso nada e le nos até Deus, nossa esperanza e alento.

—Já entendo tudo, tudo.

—Deus é sempre nosso amigo, sempre bom e misericordioso, quer nos cumule de beneficios, quer nos envie o soffrimento; mas beneficio, o bem recebido em abundancia, vez de nos tornar sempre d'Elle lembrados sempre a Elle reconhecidos leva-nos, muitas vezes a esquece-lo... como se d'Elle já carecessem...

—E Elle então permite que a dôr nos tre em casa, como a lembrar-nos que Elle nada somos nem valemos...

—Comprehendeste, filha?...

—Tudo, tudo avósinha!

—Ai como isto assim entendido é lindos nos faz tão bem acooração!

M.

Mez de Maria

Está a findar o mez de Maria, mez de Nossa Senhora, o mez da mais encantadora devoção.

Com que saudade d'elle nos desdemos!

Por toda a parte, nos templos magnificos e nas ermidas mais humildes, Maria teve o seu altar illuminado com a brilhante de flores. E' devoção que nem quem esquece, que nenhuma aldeia de Portugal descuro. Para isso seria preciso ignorar todo o perfume de Maria, que ella de si desprende, as consolações que proporciona, o puro e divino prazer espirital que nos offerece.

Oh! Como é encantadora a devoção do mez de maio!

Por mais humilde que seja o templo, por mais humilde que seja a aldeia onde ella se celebre, ha lá sempre perfumes, flôres e harmonias bastantes para nos enlevar, para nos deliciar o espirito e fazer esquecer as miseraveis dores da vida.

A existencia humana, toda absorvida nos cuidados das coisas terrenas, é uma cadeia de dores, uma noite de trevas, raras vezes illuminada pelos raios bemditos da esperanza e da alegria. Uma fonte de lagrimas raras vezes tancadas pelos cariciosos afagos da ventura.

Pois n'este mez nós fazemos o culto do amor e da oração sentida, mais terna de todas as mães, d'esses canticos, d'essa noite uma esplendida aurora, d'essas lagrimas

alsamo. Toda a nossa existencia se
onverte n'um hymno fremente á Vir-
em!

Mas já sôam as derradeiras notas
esse cantico! Está a findar o mez de
aio! Mais algumas horas e em ro-
a dos altares das cathedraes e das
midas, se ouvirá a estrofe da despe-
ida:

«Um terno adeus de saudade
te dão hoje os filhos teus!
Adeus, ó Mãe de bondade!
Rainha dos Ceus, adeus!»

Está a findar o mez das flores!
Ai com que saudade d'elle nos des-
edimos!

A LAREIRA...

João Lourenço era um abastado
roprietario e capitalista.

Nas horas vagas, dedicava-se a
turas, sem discernir entre o bom
o mau livro, mostrando até mais
mplacência pelos que brotavam de
enna asquerosa, como de immundo
anancial, onde se descreviam as
enas mais realistas da vida licen-
losa e molle.

Seja dito de passagem que este
raco parece possuirem-no hoje mui-
os chefes de familia, sem repara-
em que isto lhes pode trazer funes-
as consequencias...

Sentado á porta do seu gabinete
e leitura, João Lourenço contem-
lava, absorto, as indiziveis bellezas
uma esplendida manhã de prima-
era.

A seus pés, brincava o idolo da
asa, o pequeno Benjamin.

Nos bellos olhos da linda crean-
a retratava-se, como em limpido es-
elho, a candura da sua alma, e a
onte, serena como o mar sem on-
as, e o riso franco e espontaneo
ue lhe brincava nos labios, confir-
avam-lhe a innocencia angelica.

Branços cysnes sulcavam, airo-
ps, as aguas do grande tanque do
ardim, e pombas de nivea pluma-
em voavam pelo pateo...

Quinze annos passaram.

Benjamin tornou-se rapaz.

Um dia, lançando um olhar sobre
s livros que enchiam as grandes
stantes do gabinete do pae, viu em
m d'elles, pintado com côres vivas,
m quadro que o fez estremecer e
brar.

Naquella noite já não pode con-
iliar o somno, porque sentia a sua
maginação incendiar-se cada vez
ue recordava o quadro que vira
o livro do pae, e o mesmo aconte-
eu nas noites seguintes.

A tentação levou-o a trazer o li-
ro para o seu quarto e a esconde-
o debaixo do travesseiro...

João Lourenço, percebendo a fal-
a do livro, assustou-se... quiz evi-
ar a desgraça, porem para o grave
al já não havia remedio... a in-
ocencia de seu filho sossobrara...

Os brancos cysnes continuavam
a sulcar as limpidas aguas do tan-
que e as pombas de nivea pluma-
gem voavam, como d'antes pelo pa-
teio; porem, a fronte de Benjamin
obscurecera-se, eclipsara-se o brilho
encantador e alegre dos seus lindos
olhos, e o sorriso angelico dos tem-
pos da infancia tinha-lhe morrido
nos labios lividos e murchos..

Era tarde...

Mezes depois, João Lourenço,
abastado proprietario e capitalista,
offerecia toda a sua fortuna a quem
lhe salvasse o filho das garras adun-
cas da tuberculose, e, dias passados,
commentavam os jornaes da cidade
um suicidio... aos 16 annos!

Sulpicio Severo.

Corpo de Deus

Celebra a Egreja no proximo dia
30 a festa do Corpo de Deus, desti-
nada a honrar d'um modo particu-
lar a Sagrada Eucharistia.

E' uma das festividades mais au-
gustas da liturgia catholica. Revestiu
sempre as mais luzidas galas e com el-
la quiz a Egreja afervorar mais e mais
afé dos povos na presença real de Je-
sus na Hostia e reparar os ultrajes
de que tão augusto sacramento é
objecto.

Muitas indulgencias se podem lu-
crar por occasião d'esta solemnidade,
cuja instituição para a egreja
universal data de 8 de setembro de
1264.

Notas ligeiras

A Inglaterra, a França, a Belgi-
ca, a Italia, a Hespanha, a America
do Norte, a Argentina, o Urugnay,
Cuba, a Noruega, a Holanda a Chi-
na e o Brazil reconheceram já for-
malmente o novo Presidente da Re-
publica sr. dr. Sidonio Paes.

Está, portanto legalisada inter-
na e externamente a situação do
actual Chefe d'Estado, e Portugal
volta a occupar o seu lugar no con-
certo das nações.

Muita consolação deve ter dado
aos catholicos e muito desgosto aos
jacobinos o facto de o Chefe do Es-
tado ter ido assistir ás exequias que
por alma dos nossos soldados se
realisaram na Sé Patriarchal no dia
15 do corrente.

Ha mais de sete annos que o
Estado se separou de tal modo da
Egreja, que os seus representantes
nunca mais se encontraram... a
não ser na situação de carrasco e
victima; quiz, porém, o sr. dr. Sido-
nio Paes mostrar que estamos em
republica nova: foi, com o governo,
assistir officialmente a um acto so-
lemne de culto catholico, cumpri-
mentou respeitosamente a mais alta
dignidade da Egreja em Portugal e
teve em compensação as homena-
gens devidas ao seu alto cargo.

Supremo Magistrado d'um paiz
catholico, o sr. dr. Sidonio cumpriu
o seu dever, dando tão alta prova
de respeito pela crença da maioria
dos portuguezes.

Em França, terminou o julga-
mento da quadrilha do *Bonnet Rou-
ge*, grupo de individuos que, a sol-
do da Allemanha, faziam em Fran-
ça propaganda anti-patriotica.

Duval foi condemnado á morte;
Marion a dez annos de trabalhos
forçados e 5 de expatriação; Joucla
a 5 annos de trabalhos forçados;
Landau a 8; Goldsky a 8 annos de
trabalhos e destituição militar; Ver-
casson a 2 annos de prisão e 5.000
francos de multa com suspensão de
pena, e Leymarie, a 2 annos de pri-
são e 1.000 francos de multa.

Nenhum d'estes cavalheiros d'in-
dustria, traidores á patria, é catho-
lico... antes, são todos jacobinos re-
finados.

Vae o Christo do Repouso, que
o jacobinismo arrumara no Museu
Municipal, ser novamente collocado
no seu lugar.

Assim o resolveu a Camara Mu-
nicipal do Porto, mediante proposta
do vereador sr. dr. Pinheiro Torres.

Muitos louvores merece a Cama-
ra portuense por tal deliberação
que vem reparar a gravissima af-
fronta que os jacobinos haviam fei-
to não só aos catholicos, mas a to-
dos os crentes, não só aos vivos,
mas aos proprios mortos sepultados
n'aquelle cemiterio á sombra bem-
dita de Christo crucificado.

SALVÉ, RAINHA

—«Salve, Rainha,
Mãe de misericordia, nossa vida,
esperança e doçura, ouve estes brados
dos pobres filhos d'Eva, os degradados
n'este valle de lagrimas e abrolhos!
Volve, Senhora, a nós, volve os teus olhos,
pharoes de tanta luz,
advogada nossa! e após tamanhas
penas, miserias, maldições d'um erro,
ao cabo do desterro
Oh! mostra-nos Jesus,
filho das tuas virginaes entranhas!
e, dignos das promessas do Senhor,
consegue-nos a paz e o seu amor.

Thomaz Ribeiro.

Para rir:—Seu filho anda sempre
tão triste! Não brinca, não ri como as
outras creanças.

—Pois olhe que a culpa não é mi-
nha nem do pae que todos os dias lhe
damos uma carga de pau. Mas não ha
maneira de o tornar alegre!

ADIVINHA POPULAR

Meio corpo escondo aos vivos,
A verdade em mim dirão.
Todos que olham p'ra mim,
E' com bastante attenção;
Mas infundo tal respeito,
Que nem palavra me dão

Decifração do numero anterior:—
Castanha.

Ai de vós, ricos do mundo!

N'uma recente pastoral o venerando e bondoso Bispo do Porto assim lembra aos agricultores, industriaes e commerciantes o seu dever para com os pobres:

«E' justo que a producção agricola obtenha no mercado um preço compensador das despezas e encargos de toda a ordem que pesam sobre o lavrador, garantindo-lhe uma situação desafogada.

Mas vender os generos de primeira necessidade com manifesto espirito de ganancia, procurando realizar lucros immoderados e excessivos, mesmo quando se trata directamente com os pobres, chega a ser uma exploração monstruosa que a sã moral condemna sem transigencias nem contemplações com ninguem.

Lesas, por igual, e gravemente, a justiça e a caridade mercadejar, assim, sem entranhas e sem pudor, com o suor e com o sangue dos pobres, dia a dia enfraquecido por tantas e tão dolorosas privações!

O interesse do productor, como particular que é, deve subordinar-se ao interesse do consumidor, que se integra no bem commum e, portanto, é de uma ordem mais alta.

Quando a cubiça humana mostra desconhecer isto, que é basilar n'uma boa organização social, cumpre á moral dizer-lh'o, lembrar-lh'o com todo o desassombro e clareza. Não fazemos excepções que, no caso sujeito, seriam singularmente odiosas.

Com o que vimos dizendo queremos tambem doutrinar, chamar a melhor caminho os industriaes e commerciantes que, desvairados pela febre de grandes lucros, aggravam a carestia da vida, levando aos lares a miseria e ás almas o desespero.

Que ninguem procure illudir-se! O punhado d'ouro que, por fórma tão abusiva, se adquire, implica responsabilidades tremendas perante Deus e até perante os homens.

Cêdo ou tarde, ha-de ser para quem o possuir, um motivo de ruina... O apparecimento de *novos ricos* determina logo o apparecimento de novos pobres que, com os seus andrajos e as suas privações, denunciam á malquerença publica a exploração monstruosa de que tanta vez foram victimas.

Importa grandemente aos abastados e ricos terem na devida conta estas palavras do grande Pontifice Leão XIII, que constituem, para christãos, uma norma de proceder que se não viola sem culpa: «Ninguem certamente é obrigado a alliviar o proximo privando-se do necessario para si e para os seus; nem mesmo a supprimir alguma coisa do que as conveniencias sociaes impõem á sua pessoa; mas, dada a satisfação sufficiente á necessidade e ao decoro, é um dever lançar o superfluo no seio dos pobres».

Fixem bem, os abastados e os ricos, este grande e sagrado ensinamento, para que Jesus, divino e carinhoso amigo da pobreza, lhes não brade com indignação vehemente: *Vae vobis divitibus!* «Ai de vós, ricos do mundo!»

O trabalho nobilitado por Jesus Christo

Operarios, exclama o eloquente padre Agostinho de Montefeltro, não comprehendes vós que tendes na vossa classe o Rei dos reis, o Senhor dos Senhores?! O rico não pôde dizer: «*O meu Deus foi rico como eu sou; das riquezas de que eu me sirvo serviu-se tambem o meu Deus*». O sabio não pode dizer: «*O meu Deus honrou a escola d'onde eu sahi*». Nem o poderoso pode tambem dizer: «*O meu Deus estas honras antes que as tivesse eu*». Mas vós, sim, vós, ó operarios, podeis dizer com verdade e com santo orgulho: «*O meu Deus fez o que eu faço; o meu Deus trabalhou como eu trabalho*».—Sim, honrados filhos do trabalho, quando o suor vos correr copioso da fronte; quando a ardencia do sol, ou as inclemencias do tempo, ou o excesso do trabalho vos prostrarem exhaustos de fadiga e cansaço; quando sentirdes insupportavel o pezo rude dos instrumentos de vossa fadigosa labutação, levantae ao ceu os olhos e dizei: «*Oh! o meu Deus tambem trabalhou, tambem derramou suores tambem sentiu o cansaço e a fadiga; estes rudes instrumentos, cujo pezo não posso supportar foram santificados pelo divino contacto das mãos do meu Deus, que tambem quiz trabalhar por meu amor, para meu exemplo e ensino*».

E não desanimeis. Choraes, embora, se o excesso de vossa dôr vos não consente estanqueis a torrente de vosso pranto; mas sejam vossas lagrimas de resignação e esperança, não de desalento e desespero. Choraes, embora, se a tanto vos obriga a violencia de vosso duro sofrer; mas não murmureis, nem levanteis olhos de cubiça ou de inveja para aquelles que vivem sem trabalhar. Sabei que o vosso duro pedaço de pão, amassado com suôres e lagrimas, vos é a vós mais sabroso do que a elles o são as mais exquisitas iguarias e opiparos jantares; sabeis que sois mais ditosos e viveis mais felizes na vossa pobreza do que elles na sua abundancia; sabeis, enfim, que o trabalho honrado e honesto não avilta nem deslustra ninguem; porque não pode ser aviltante nem deshonroso aquillo que o mesmo Deus se não dedignou de praticar.

Alentae, pois, o animo e cobrae esforço...»

A GUERRA

Desde ha semanas que as operações militares da guerra estão quasi paralyzadas, de modo que não tem havido factos dignos de especial menção.

Não quer isto dizer que os belligerantes estejam a dormir; antes, é grande a sua actividade na rectaguarda, accumulando tropas e material, preparando-se para o ataque e tambem para a defeza. Alem d'is-

so, a artilharia tem estado em constante actividade para difficultar inimigo esses trabalhos da rectaguarda.

Tudo indica que não tarda nova offensiva allemã. Entretanto os alliados procuram adivinhar que ponto da frente ella se darã.

Junto ao Sacrario

I

E's a doçura, és o perfume, o encanto
Que suavisa a dôr,
Com o balsamo do amor
E Tu, no entanto,
Ahi, tão só,
Num desamparo,
Tão grande e raro,
Que mettes dô.

II

O' Jesus Hostia, ó divino Amante
Nem um instante
O mundo tem para te dar
Quem não ha de chorar
A loucura de tanto desprezo
Vendo-Te prezo
Para o salvar?

III

Ai! Se eu Te tenho amado, inda mais
Será meu amor, agora.
Quero-me diluir todo em amor
Mais puro do que a auro
Já que ninguem Te adora
Como deve sêr,
Quero, aqui, viver
E morrer.

P e Sequencia

Pela paz

O Santo Padre Bento XV diminuiu que no dia 29 de junho próximo todos os sacerdotes, obedeçam a celebrar a Santa Missa em horta a applicarem pela paz, e façam o mesmo.

Pensamento sublime! Todo o sacerdocio catholico, desde o Summo Pontifice ao mais humilde sacerdote, em todos os pontos do globo, ferecendo no mesmo dia ao Eterno a Victima sacrosanta proprio Filho, para que em atende aos merecimentos da Hostia imculada perdôe ás nações prevaricadoras e lhes restitua a desejada paz!

Calendario religioso da semana

Maio

Domingo, 26 — Santissima Trindade.

Segunda-feira, 27 — Ven. Beda, Doutor da Igreja.

Terça feira, 28. — Santo Anthonho de Cantorbéry.

Quarta feira, 29. — Santa Magdalena de Pazzis, virgem.

Quinta feira, 30. — Festa do Corpo de Christo. (Dia santo da semana).

Sexta feira, 31 — S. Pedro, virgem. (Abstinencia, dispensada pelos Indultos).

Junho

Sabbado, 1. — S. Fortunato.

DEUS

A' Ex.^{ma} Redação de
O ESPOZENDE
ESPOZENDE

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR EX.^{ma} REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

Director, Editor e Administrador — *Avelino Alves Sampaio*

RED. DO

DEUS E PATRIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—Belinhó — ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA— DEUS E PATRIA

Composto e impresso na *Typographia Viziense*—Rua Silva Gayo, 42 a 46—VIZÉU

O EVANGELHO**Domigo da Santissima Trindade**

Naquelle tempo disse Jesus a seus discipulos: Foi-me dado todo o poder no ceu e na terra: ide, pois, e ensinae a todas as gentes, baptizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo, ensinando-as a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e ficae certos de que eu estou comvosco todos os dias até á consummação dos seculos.

(S. Matheus, cap. 28.)

REFLEXÕES

O preceito, a obrigação imposta por Christo Nosso Senhor aos Apostolos e n'elles á Egreja Catholica, de ensinar a doutrina christã a todos os povos, é tão formal e clara no evangelho d'hoje, que a ninguem pôde offerecer duvidas.

E Jesus tinha o poder de fazer uma tal imposição, possuia a necessaria auctoridade para constituir os seus apostolos e a Egreja n'um tal dever.

Elle mostrára durante a sua vida terrena, pelo seu saber assombroso e pela força maravilhosa do seu verbo ao qual tudo obedecia, que o seu poder era divino. Uma só palavra da sua bocca desconcertava os seus mais argutos contendores e reduzia a nada os seus mais bem architectados sofismas. A' sua voz os corações angustiados recuperavam a paz, os tristes a alegria, os desalentados a esperança; os cegos viam, os doentes, os cegos e os paraliticos ficavam sãos e com movimentos, os mortos tornavam á vida, o espirito do mal fugia espavorido dos corpos dos seus possessos e os proprios elementos obedeciam promptamente como doces seres intelligentes.

As multidões accorriam sequiosas de consolação a ouvi-lo. A sua doutrina cahia nas almas como uma benção e um balsamo dulcificante. Ao escutá-la, os pobres esqueciam enlevados as suas dores; os ricos abriam os seus cofres e, com as riquezas lá amontoadas e entregues á voracidade da traça, faziam bem aos desafortunados, amontoando assim outro e indestructivel thesouro

no ceu; os peccadores choravam arrependidos os seus erros e reformavam por completo a sua vida, os tyrannos sentiam remorso de seus crimes e concebiam desejos inquietantes de se tornarem bons e humanos e a palavra irmão começou a ouvir-se e a ser entendida entre os homens.

Eram de salvação as doutrinas de Jesus. Destinavam-se á redempção da humanidade que havia tantos seculos se transviára nas verêdes do mal e no meio de trevas espessas não atinava com o caminho do bem, da verdade e da vida.

Era preciso, porisso, faze-las chegar, não só aos povos da Palessitria, contemporaneos de Christo Senhor Nosso, mas a toda a parte e a todas as edades em que houvesse homens a guiar, intelligencias a esclarecer, almas a salvar.

E então o divino Mestre com a auctoridade que lhe dava a excellencia da sua sciencia e a omnipotencia do poder que se estende a tudo o que ha no ceu e na terra, manda aos seus apostolos e n'elles á sua Egreja, que vão levar a todas as gentes aquellas verdades redemptoras que Elle durante a sua vida lhes havia ensinado e exemplificado e se resumiam em amar a Deus como pae no ceu e aos homens como irmãos na terra.

E os Apostolos partiram e nem os carcereos, nem as privações, nem os açoites, nem a morte mais affrontosa os impediram nunca de por toda a parte ensinarem o evangelho aos povos.

Continuadora de tão divina missão, a Egreja de Deus tem cumprido tambem, atravez de todos os obstaculos e perseguições, o seu mandato de doutrinar as gerações de todos os seculos. No pulpito pela voz dos seus pregaadores, na catechese e á estação da missa por intermedio dos parochos e capellães, pela acção dos seus missionarios de todos os continentes, pelo exemplo de seus martyres e confessoes junto dos logares de supplicio ou no meio dos tribunales, pela palavra fallada e escripta, a Egreja não tem cessado de levar ao seio de todos os povos as verdades do evangelho, no cumprimento do seu ministerio, no cumprimento do dever imposto pelo seu divino fundador. E a exemplo dos Apostolos e ainda em obediencia

ao preceito de Jesus ella vem ministrando, a par da doutrina que salva, os sacramentos que santificam e fortalecem na virtude e na fé os crentes. Não fôra em vão que Christo ordenara: Ide, ensinae a todas as gentes, baptizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo.

Ora a esta obrigação da Egreja temos nós, os fieis, o dever de corresponder, mostrando-nos doces, attentos, submissos e obedientes á palavra de Deus.

Só assim tornaremos proveitosa para as nossas almas essa mesma palavra, só assim nos tornaremos dignos dos fructos da paixão e morte de Jesus e de participar das suas divinas promessas, que são a bemaventurança eterna aos que ouvem e põem em pratica a sua doutrina.

M.

AGIOLOGIO**Santa Maria Magdalena de Pazzis**

Celebra a Egreja, no proximo dia 29, a festividade de Santa Maria Magdalena de Pazzis.

Natural de Florença e oriunda d'uma familia nobre, começou desde tenra idade a cuidar da sua perfeição espiritual. Aos 10 annos fez voto de perpetua virgindade e, entrando no mosteiro de Santa Maria dos Anjos da ordem carmelitana, mostrou-se o exemplar de todas as virtudes.

Foi eximia na pratica do jejum, passando muitos annos sómente a pão e a agua. Alem d'isso, mortificava a sua carne com macerações, cilicios e asperezas de toda a ordem.

Sentia-se tão arroubada no amor de Deus, que frequentemente, esquecendo as coisas que a cercavam, cahia em extasis, durante os quaes experimentava as maiores consolações e entrava no conhecimento de profundos mysterios.

No entanto Deus experimentou por diversas vezes a sua paciencia e humildade, enviando-lhe a aridez espiritual e permittindo que fosse visitada por terriveis tentações, de que sempre sahiu victoriosa. O seu

amor para com o proximo foi notavel, principalmente para com os pobres e enfermos.

Offercia-se a Deus, disposta a soffrer todos os males, em holocausto pela conversão dos infieis e peccadores, e nos seus transe de maior amargura pedia a Deus, não que a matasse, mas que a fizesse soffrer cada vez mais.

Falleceu no dia 25 de Maio com 41 annos d'idade, em 1607, após uma longa e dolorosissima enfermidade. Seu corpo conserva-se ainda hoje inteiro e são innumerous os milagres que tem operado.

Ultimos momentos de Colbert

Colbert foi um grande da côrte magnifica de Luiz XIV, rei de França. Exerceu os mais altos cargos do Estado, encheu a França de benefícios e o seu nome de gloria, absorvendo toda a sua vida no serviço do rei e dos negocios publicos.

No entanto, quando morreu, a sua impopularidade era tal que os seus funeraes tiveram de realisarse de noite. Os seus contemporaneos pretendiam que os beneficios que elle fizera á Patria—e não foram pequenos—só redundavam em seu prejuizo! O mundo costuma pagar assim aos que o servem: com ingratições.

Não obstante, nunca esse notavel estadista perdêra a estima pessoal de Luiz XIV; e assim, quando Colbert estava no seu leito de morte, foi visita-lo o monarcha. Debatia-se n'uma agonia dolorosissima. O rei, commovido, quiz consola-lo e disse-lhe: Meu grande amigo, que posso eu fazer-te n'este momento, que te seja agradável?

—Sir! diz a custo Colbert, fitando com olhar angustiado o monarcha. Sim! uma coisa vos tenho a pedir n'esta hora suprema. E' o primeiro favor que vos peço, ó rei! Não m'o recusareis em attenção ao muito que vos servi.

—Falla! torna o rei ancioso.

—Peço que me concedaes mais um dia de vida! Um só dia, ó rei! —Oh! exclama o monarcha mal contendo o pranto n'um amargo. O que me pedes não está na minha mão! E' só possivel ao Rei dos ceus e da terra! E ia retirar-se já, quando Colbert soerguendo-se a custo no leito, brada com desespero:

—Insensato que tenha sido! Gastei toda a minha vida a servir ao meu rei que em paga de tantos annos de dedicação me não pode dar agora um só dia mais de vida! Ah! se eu, em vez de o servir, a elle, servisse ao Senhor do Ceu e da terra, como seriam bem differentes e consoladores para mim agora estes angustiosos momentos que se acabam!

Muitos assim se têm lamentado na sua hora extrema. Regulemos, á vista d'este e muitos outros exemplos que poderiamos apresentar, a conducta da nossa vida, de maneira que á hora da nossa morte não ex-

perimentemos tão medonhos terrores.

Vivamos no temor de Deus e da nossa consciencia, e a nossa morte será tão suave como o suavissimo somno de quem adormece no seio do Senhor.

L.

Epistola da missa d'hoje

O' profundidade das riquezas, da sabedoria e da sciencia de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juizos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Porque, quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem lhe deu alguma coisa primeiro, para depois receber a recompensa? Porque d'Elle, e por Elle e n'Elle existem todas as coisas, a Elle seja dada gloria por todos os seculos dos seculos Amen.

(S. Paulo «Aos Romanos» cap. I)

Conversando

—Alda! então? Que estás para ahi demorada a pensar na leitura da epistola da missa! Vamos; passa adeante.

—E' que, avósinha, desta vez, não comprehendendo bem isto e desejava entender as palavras de S. Paulo que na verdade me são bem.

—A lição do Apostolo, filha, é clara e tem por fim mostrar-nos com a eloquencia que lhe é particular, que nós, tudo o que somos e temos a Deus só o devemos; que a vida de que fruimos o ar que respiramos, a luz que nos alumia, os fructos tão saborosos que nos sustentam, de Deus nos vêem, é Elle que nos dá por um acto da sua infinita misericordia e bondade, isto é, sem que nós primeiro os tenhamos merecido por qualquer favor que a Deus tivéssemos feito.

—Comprehendo agora, avósinha, e acho bonito. Deus então usa para conosco como a mamã e o papá para commigo e os manos... Pois não é verdade? Nós tambem nada lhes damos por tudo, quanto elles nos fazem, por nos trazerem no collegio, nos vestirem, alimentarem.

—Exactamente.

—E eu nunca tinha pensado n'isto! Deus dá-nos tudo, sem nada receber de nós!

—Sim, filha.

—Como Elle é bom! Parece-me, então avósinha, que quem nada tem, não pôde queixar-se de Deus...

—Pois não; mas não ha pobre tão pebrezinho, Alda, que não esteja devendo sempre muito a Deus.

—Bem sei: a vida, o ar, a luz, o pão... mas a nossa visinha volta e meia está-se a revoltar contra Deus por as coisas lhe não correrem como ella deseja.

—Faz n'isso um grande peccado, Aldinha, em se impacientar até esse ponto. Pois o pouco ou muito que tem; não foi Deus quem lh'o deu?

—Sim, avosinha.

—E ella em vez de se mostrar reconhecida ao beneficio e conformada com o soffrimento, entrega-se a esses desesperos que tu teus observados, pouco lhe faltando para insultar a Providencia.

—Ai avosinha! como ella é má!...

—Não quero que tornes a ouvir as suas queixas impias!

—Não torno, avósinha. Mas diga-me: sendo Deus tão bom e senhor de tudo, porque, não dá tudo a todos, nos não faz a todos ricos e felizes, avósinha? Elle não tem pena dos que soffem?

—Muita, minha filha. E ainda um dia te hei de mostrar a razão porque não somos todos ricos e felizes no mundo. Agora só te direi que o soffrimento e a dor são ainda um acto da infinita bondade de Deus para conosco. Os

juizos de Deus, como diz S. Paulo, são incompreensíveis muitas vezes e assim nós temos por um mal aquillo que aos olhos de Deus é um grande bem.

—Não entendo...

—Olha lá, Aldinha: ali o visinho bruxo não é muito rico?

—E' sim.

—Falta-lhe alguma coisa?

—Não parece.

—E diz-me: tem-lo visto na egreja?

—A elle?!... Nunca, avósinha! Nem le nem á familia d'elle. Olha quem? As filhas são as primeiras a chamarem caróla a quem vae.

—Cala-te, filha.

—E de Deus dizem coisas...

—Não quero que tornes a acompanhar-me com ellas. Mas vê? O goso pleno das coisas do mundo fá-los desprezar a Deus e ás coisas espirituaes. Não querem nem missa, nem sacramentos!...

—E' verdade...

—Vivem como se Deus não existisse, como se d'elle não precisassem, e escarnecem de quem crê n'Elle e o invoca. Já os que choram, os que soffem...

—Lembram-se e querem Deus e rezam, nosso caseiro reza sempre o terço á noite com a mulher e os filhos, que bem o tenho visto.

—A dôr mostra-nos o nosso nada e leva-nos até Deus, nossa esperanza e alento.

—Já'entendo tudo, tudo.

—Deus é sempre nosso amigo, sempre bom e misericordioso, quer nos cumule de beneficios, quer nos envie o soffrimento; mas beneficio, o bem recebido em abundancia, vez de nos tornar sempre d'Elle lembrados, sempre a Elle reconhecidos leva-nos, muitas vezes a esquece-lo... como se d'Elle já não carecéssemos...

—E Elle então permite que a dôr nos esteja em casa, como a lembrar-nos que a Deus nada somos nem valemos...

—Comprehendeste, filhinha?

—Tudo, tudo avósinha!

—Ai como isto assim entendido é lindissimo nos faz tão bem aoração!

M.

Mez de Maria

Está a findar o mez de Maria, mez de Nossa Senhora, o mez da mais encantadora devoção.

Com que saudade d'elle nos desdemos!

Por toda a parte, nos templos mais fastuosos e nas ermidas mais humildes, Maria teve o seu altar illuminado e brilhante de flores. E' devoção que ninguém esquece, que nenhuma aldeia de Portugal descure. Para isso seria preciso ignorar todo o perfume d'encenso, que ella de si desprende, as consolações que proporciona, o puro e divino prazer espiritual que nos offerece.

Oh! Comò é encantadora a devoção do mez de maio!

Por mais humilde que seja o templo, por mais humilde que seja o altar, onde ella se celebre, ha lá sempre perfumes, flores e harmonias bastantes para nos enlevar, para nos deliciar o espirito e fazer esquecer as miserias das dôres da vida.

A existencia humana, toda absorvida nos cuidados das coisas terrenas, é uma cadeia de dôres, uma noite de trevas, raras vezes illuminada pelos clarões bemitidos da esperanza e da alegria, uma fonte de lagrimas raras vezes tancadas pelos cariciosos afagos da ventura.

Pois n'este mez nós fazemos culto do amor e da oração sentida, mais terna de todas as mães, d'esses dôres um cantico, d'essa noite uma esplendida aurora, d'essas lagrimas

alsamo. Toda a nossa existencia se converte n'um hymno fremente á Virgem!

Mas já sôam as derradeiras notas desse cantico! Está a findar o mez de maio! Mais algumas horas e em rola dos altares das cathedraes e das armidas, se ouvirá a estrofe da despedida:

«Um terno adeus de saudade te dão hoje os filhos teus!
Adeus, ó Mãe de bondade!
Rainha dos Ceus, adeus!

Está a findar o mez das flores!
Ai com que saudade d'elle nos despedimos!

A LAREIRA...

João Lourenço era um abastado proprietario e capitalista.

Nas horas vagas, dedicava-se a leituras, sem discernir entre o bom e o mau livro; mostrando até mais complacencia pelos que brotavam de penna asquerosa, como de immundo manancial, onde se descreviam as cenas mais realistas da vida licenciosa e molle.

Seja dito de passagem que este raco parece possuirem-no hoje muitos chefes de familia, sem repararem que isto lhes pode trazer funestas consequencias...

Sentado á porta do seu gabinete de leitura, João Lourenço contemplava, absorto, as indiziveis bellezas d'uma esplendida manhã de primavera.

A seus pés, brincava o idolo da casa, o pequeno Benjamin.

Nos bellos olhbs da linda creança retratava-se, como em limpido espelho, a candura da sua alma, e a fronte, serena como o mar sem ondas, e o riso franco e espontaneo que lhe brincava nos labios, confirmavam-lhe a innocencia angelica.

Branco cysnes sulcavam, airoso, as aguas do grande tanque do jardim, e pombas de nivea plumagem voavam pelo pateo...

Quinze annos passaram.

Benjamin tornou-se rapaz.

Um dia, lançando um olhar sobre os livros que enchiam as grandes estantes do gabinete do pae, viu em um d'elles, pintado com côres vivas, um quadro que o fez estremecer e chorar.

N'aquella noite já não pode conciliar o somno, porque sentia a sua imaginação incendiar-se cada vez que recordava o quadro que vira no livro do pae, e o mesmo aconteceu nas noites seguintes.

A tentação levou-o a trazer o livro para o seu quarto e a escondê-lo debaixo do travesseiro...

João Lourenço, percebendo a falta do livro, assustou-se... quiz evitar a desgraça, porem para o grave mal já não havia remedio... a innocencia de seu filho sossobrara...

Os brancos cysnes continuavam a sulcar as limpidas aguas do tanque e as pombas de nivea plumagem voavam, como d'antes pelo pateo; porem, a fronte de Benjamin obscurecera-se, eclipsara-se o brilho encantador e alegre dos seus lindos olhos, e o sorriso angelico dos tempos da infancia tinha-lhe morrido nos labios lividos e murchos...

Era tarde...

Mezes depois, João Lourenço, abastado proprietario e capitalista, offerecia toda a sua fortuna a quem lhe salvasse o filho das garras aduncas da tuberculose, e, dias passados, commentavam os jornaes da cidade um suicidio... aos 16 annos!

Sulpicio Severo.

Corpo de Deus

Celebra a Egreja no proximo dia 30 a festa do Corpo de Deus, destinada a honrar d'um modo particular a Sagrada Eucharistia.

E' uma das festividades mais augustas da liturgia catholica. Revestiu sempre as mais luzidas galas e com ella quiz a Egreja afervorar mais e mais afé dos povos na presença real de Jesus na Hostia e reparar os ultrajes de que tão augusto sacramento é objecto.

Muitas indulgencias se podem lucrarem por occasião d'esta solemnidade, cuja instituição para a egreja universal data de 8 de setembro de 1264.

Notas ligeiras

A Inglaterra, a França, a Belgica, a Italia, a Hespanha, a America do Norte, a Argentina, o Uruguay, Cuba, a Noruega, a Holanda a China e o Brazil reconheceram já formalmente o novo Presidente da Republica sr. dr. Sidonio Paes.

Está, portanto, legalisada interna e externamente a situação do actual Chefe d'Estado, e Portugal volta a occupar o seu logar no concerto das nações.

Muita consolação deve ter dado aos catholicos e muito desgosto aos jacobinos o facto de o Chefe do Estado ter ido assistir ás exequias que por alma dos nossos soldados se realisaram na Sé Patriarchal no dia 15 do corrente.

Ha mais de sete annos que o Estado se separou de tal modo da Egreja, que os seus representantes nunca mais se encontraram... a não ser na situação de carrasco e victima; quiz, porém, o sr. dr. Sidonio Paes mostrar que estamos em *republica nova*: foi, com o governo, assistir officialmente a um acto solemne de culto catholico, cumpriu mentou respeitosa mente a mais alta dignidade da Egreja em Portugal e teve em compensação as homenagens devidas ao seu alto cargo.

Supremo Magistrado d'um paiz catholico, o sr. dr. Sidonio cumpriu o seu dever, dando tão alta prova de respeito pela crença da maioria dos portuguezes.

Em França, terminou o julgamento da quadrilha do *Bonnet Rouge*, grupo de individuos que, a soldo da Allemanha, faziam em França propaganda anti-patriotica.

Duval foi condemnado á morte; Marion a dez annos de trabalhos forçados e 5 de expatriação; Joucla a 5 annos de trabalhos forçados; Landau a 8; Goldsky a 8 annos de trabalhos e destituição militar; Vercasson a 2 annos de prisão e 5.000 francos de multa com suspensão de pena, e Leymarie, a 2 annos de prisão e 1.000 francos de multa.

Nenhum d'estes cavalheiros d'industria traidores á pátria, é catholico... antes, são todos jacobinos refinados.

Vae o Christo do Repouso, que o jacobinismo arrumara no Museu Municipal, ser novamente collocado no seu logar.

Assim o resolveu a Camara Municipal do Porto, mediante proposta do vereador sr. dr. Pinheiro Torres.

Muitos louvores merece a Camara portuense por tal deliberação que vem reparar a gravissima affronta que os jacobinos haviam feito não só aos catholicos, mas a todos os crentes, não só aos vivos, mas aos proprios mortos sepultados n'aquelle cemiterio á sombra bendita de Christo crucificado.

SALVÉ, RAINHA

—Salve, Rainha,
Mãe de misericordia, nossa vida,
esperança e dogura, ouve estes brados dos pobres filhos d'Eva, os degradados n'este valle de lagrimas e abrolios!
Volve, Senhora, a nós, volve os teus olhos, pharoes de tanta luz,
advogada nossa! e após tamanhas penas, misérias, maldições d'um erro, ao cabo do desterro
Oh! mostra-nos Jesus,
filho das tuas virginaes entranhas!
e, dignos das promessas do Senhor, consegue-nos a paz e o seu amor.

Thomaz Ribeiro.

Para rir:—Seu filho anda sempre tão triste! Não brinca, não ri como as outras creanças...

—Poís olhe que a culpa não é minha nem do pae que todos os dias lhe damos uma carga de pau. Mas não ha maneira de o tornar alegre!

ADIVINHA POPULAR

Meio corpo escondo aos vivos,
A verdade em mim dirão.
Todos que olham p'ra mim,
E' com bastante attenção;
Mas infundo tal respeito,
Que nem palavra me dão

Decifração do numero anterior:—
Castanha.

Ai de vós, ricos do mundo!

N'uma recente pastoral o venerando e bondoso Bispo do Porto assim lembra aos agricultores, industriaes e commerciantes o seu dever para com os pobres:

«E' justo que a producção agricola obtenha no mercado um preço compensador das despezas e encargos de toda a ordem que pesam sobre o lavrador, garantindo-lhe uma situação desafogada.

Mas vender os generos de primeira necessidade com manifesto espirito de ganancia, procurando realisar lucros immoderados e excessivos, mesmo quando se trata directamente com os pobres, chega a ser uma exploração monstruosa que a sã moral condemna sem transigencias nem contemplações com ninguem.

Lesada, por igual, e gravemente, a justiça e a caridade mercadejar, assim, sem enranhas e sem pudor, com o suor e com o sangue dos pobres, dia a dia enfraquecido por tantas e tão dolorosas privações!

O interesse do productor, como particular que é, deve subordinar-se ao interesse do consumidor, que se integra no bem commum e, portanto, é de uma ordem mais alta.

Quando a cubiça humana mostra desconhecer isto, que é basilar n'uma boa organização social, cumpre á moral dizer-lh'o, lembrar-lh'o com todo o desassombro e clareza. Não fazemos excepções que, no caso sujeito, seriam singularmente odiosas.

Com o que vimos dizendo queremos tambem doutrinar, chamar a melhor caminho os industriaes e commerciantes que, desvairados pela febre de grandes lucros, aggravam a carestia da vida, levando aos lares a miseria e ás almas o desespero.

Que ninguem procure illudir-se! O punhado d'ouro que, por fórma tão abusiva, se adquire, implica responsabilidades tremendas perante Deus e até perante os homens.

Cêdo ou tarde, ha-de ser para quem o possuir, um motivo de ruina. . . O apparecimento de *novos ricos* determina logo o apparecimento de novos pobres que, com os seus andrajos e as suas privações, denunciam á malquerença publica a exploração monstruosa de que tanta vez foram victimas.

Importa grandemente aos abastados e ricos terem na devida conta estas palavras do grande Pontifice Leão XIII, que constituem, para christãos, uma norma de proceder que se não viola sem culpa: «Ninguem certamente é obrigado a alliviar o proximo privando-se do necessario para si e para os seus; nem mesmo a supprimir alguma coisa do que as conveniencias sociaes impõem á sua pessoa; mas, dada a satisfação sufficiente á necessidade e ao decoro, é um dever lançar o superfluo no seio dos pobres».

Fixem bem, os abastados e os ricos, este grande e sagrado ensinamento, para que Jesus, divino e carinhoso amigo da pobreza, lhes não brade com indignação vehemente: *Vae vobis divitiibus!* «Ai de vós, ricos do mundo!»

O trabalho nobilitado por Jesus Christo

Operarios, exclama o eloquente padre Agostinho de Montefeltro, não comprehendéis vós que tendes na vossa classe o Rei dos reis, o Senhor dos Senhores?! O rico não pôde dizer: «O meu Deus foi rico como eu sou; das riquezas de que eu me sirvo serviu-se tambem o meu Deus». O sabio não pode dizer: «O meu Deus honrou a escola d'onde eu sahi». Nem o poderoso pode tambem dizer: «O meu Deus teve estas honras antes que as tivesse eu». Mas vós, sim, vós, ó operarios, podeis dizer com verdade e com santo orgulho: «O meu Deus fez o que eu faço; o meu Deus trabalhou como eu trabalho».—Sim, honrados filhos do trabalho, quando o suor vos correr copioso da frente; quando a ardencia do sol, ou as inclemencias do tempo, ou o excesso do trabalho vos prostrarem exaustos de fadiga e cansaço; quando sentirdes insupportavel o pezo rude dos instrumentos de vossa fadigosa labutação, levantai ao céu os olhos e dizei: «Oh! o meu Deus tambem trabalhou; tambem derramou suores tambem sentiu o cansaço e a fadiga; estes rudes instrumentos, cujo pezo não posso supportar, foram santificados pelo divino contacto das mãos do meu Deus, que tambem quiz trabalhar por meu amor, para meu exemplo e ensino».

E não desanimeis. Chorae, embora, se o excesso de vossa dôr vos não consente estanqueis a torrente de vosso pranto; mas sejam vossas lagrimas de resignação e esperança, não de desalento e desespero. Chorae, embora, se a tanto vos obriga a violencia de vosso duro soffrer; mas não murmureis, nem levanteis olhos de cubiça ou de inveja para aquelles que vivem sem trabalhar. Sabei que o vosso duro pedaço de pão, amassado com suores e lagrimas, vos é a vós mais sabroso do que a elles o são as mais exquisitas iguarias e opiparos jantares; sabeis que sois mais ditosos e viveis mais felizes na vossa pobreza do que elles na sua abundancia; sabeis, enfim, que o trabalho honrado e honesto não avilta nem deslustra ninguem; porque não pode ser aviltante nem deshonoroso aquillo que o mesmo Deus se não dedignou de praticar.

Alentae, pois, o animo e cobrae esforço. . .»

A GUERRA

Desde ha semanas que as operações militares da guerra estão quasi paralyzadas, de modo que não tem havido factos dignos de especial menção.

Não quer isto dizer que os belligerantes estejam a dormir; antes, é grande a sua actividade na rectaguarda, accumulando tropas e material, preparando-se para o ataque e tambem para a defeza. Alem d'is-

so, a artilharia tem estado em constante actividade para difficultar inimigo esses trabalhos da rectaguarda.

Tudo indica que não tardará nova offensiva allemã. Entretanto os alliados procuram adivinhar que ponto da frente ella se dará.

Junto ao Sacrario

I

E's a doçura, és o perfume, o onice
Que suavisa a dôr,
Com o balsamo do amôr
E Tu, no entanto,
Ahi, tão só,
N'um desamparo,
Tão grande e raro,
Que mettes dô.

II

O' Jesus Hostia, ó divino Amanhã
Nem um instante
O mundo tem para te dar
Quem não ha de chorar
A loucura de tanto desprezo
Vendo-Te prezo,
Para o salvar?

III

Ai! Se eu Te tenho amado, inda mais
Será meu amôr, agora.
Quero-me diluir todo em amôr
Mais puro do que a aurora
Já que ninguem Te adora
Como deve sêr,
Quero, aqui, viver
E morrer.

P.e Sequeira

Pela paz

O Santo Padre Bento XV deu minou que no dia 29 de junho próximo todos os sacerdotes, obrigados a celebrar a Santa Missa pelo povo, a applicarem pela paz, e ahorta os restantes sacerdotes a fazerem o mesmo.

Pensamento sublime! Todo o cerdocio catholico, desde o Summo Pontifice ao mais humilde sacerdote, em todos os pontos do globo, ferecendo no mesmo dia ao Divino Eterno a Victima sacrosanta, proprio Filho, para que em attempo aos merecimentos da Hostia immaculada perdôe ás nações prevaricadoras e lhes restitua a desejada paz!

Calendario religioso da semana

Maio

Domingo, 26.—Santissima Trindade.

Segunda-feira, 27.—Veneranda Beda, Doutor da Igreja.

Terça-feira, 28.—Santo Agostinho de Cantorbéry.

Quarta-feira, 29.—Santa Maria Magdalena de Pazzia, virgem.

Quinta-feira, 30.—Festa do Corpo de Christo. (Dia santo de guarda).

Sexta-feira, 31.—S. Petronilla, virgem. (Abstinencia, dispensada pelos Indultos).

Junho

Sabbado, 1.—S. Fortunato.